


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

ANDRÉIA BARIANI

**O MITO DE MEDEIA NAS *HEROIDES* DE OVÍDIO:
Epístola XII – “Medeia a Jasão”**



ARARAQUARA – SP
2010

ANDRÉIA BARIANI

**O MITO DE MEDEIA NAS *HEROIDES* DE OVÍDIO:
EPÍSTOLA XII – “MEDEIA A JASÃO”**

Monografia de conclusão de curso, apresentada à Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado.

ARARAQUARA – SP
2010

Bariani, Andréia

O mito de Medeia nas Heroides de Ovídio: epístola XII – “Medeia a Jasão” / Andréia Bariani – 2010

44 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: João Batista Toledo Prado

1. Ovidio. 2. Medeia. 3. Eurípides. 4. Mito I. Título.

ANDRÉIA BARIANI

**O MITO DE MEDEIA NAS *HEROIDES* DE OVÍDIO:
EPÍSTOLA XII – “MEDEIA A JASÃO”**

Monografia de conclusão de curso, apresentada à Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado.

Data da aprovação: 17/12/2010.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Márcio N. Thamos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus Araraquara

*Dedico este trabalho a meus pais e
minha irmã, fontes de infinito e
incansável amor, sem os quais a vida
seria um peso certamente insustentável.*

AGRADECIMENTOS

Ao querido e admirável Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, meu orientador, pela amizade, dedicação, pelo companheirismo e bom humor, sempre.

Ao Eduardo, pelo sincero amor e pela serenidade, ensinando-me diariamente que, antes de sua chegada, eu não poderia mesmo entender o que é a “paz”.

À amiga Alessandra Momesso, sempre companheira e incansável incentivadora, mostrando-me que tudo eram “moinhos de vento” e, não, “gigantes”.

Às amigas Daniela Mippo e Jaqueline Vansan, sem as quais tudo teria sido mais difícil, ainda, nestes quatro anos de universidade.

À família da “Portela”, que sempre me deu amor e alegrias, dos quais sentirei falta até os meus últimos dias.

Aos amigos Santiago Villela Marques e Cristina Vasques, exemplos de sabedoria e amor, que fizeram de mim algo muito melhor.

A todos os professores e amigos da Unesp, que terão seus devidos lugares em minha memória, para sempre.

A todos que não mencionei, mas que se sabem sempre amados por mim.

RESUMO

O presente trabalho pretende realizar um breve estudo do mito de Medeia e Jasão, observando como se deu sua abordagem pelo poeta latino Ovídio, na epístola número XII das *Heroides*, comparando-a com a tragédia *Medeia*, do poeta grego Eurípides.

Palavras-chave: Ovídio, Medeia, Eurípides, mito.

ABSTRACT

This work aim briefly study the myth of Medea and Jason, making an account of the Latin poet Ovid's approach on it in his work *Heroides* Epistle XII, paralleling it to the Greek poet Euripides' tragedy *Medeia*.

Keywords: Ovid, Medea, Euripides, myth.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. VIDA E OBRA OVIDIANA	09
3. AS <i>HEROIDES</i>	13
4. ELEMENTOS ELEGÍACOS E RETÓRICOS.....	14
5. UM POUCO DE EURÍPIDES	15
6. O MITO DE MEDEIA E JASÃO	16
7. OVÍDIO <i>VERSUS</i> EURÍPIDES	17
8. CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIA	26
ANEXOS	28
ANEXO A	29
ANEXO B	39

1. INTRODUÇÃO

Aquele que se propõe a realizar um estudo aprofundado do poeta latino Ovídio, facilmente constatará que uma de suas mais belas composições, as *Heroides* (*Epistulae uel Heroides*), ainda é pouco explorada, se comparada à quantidade de estudos dedicados ao restante das obras do artista sulmonense.

A leitura do conjunto de poemas de tal obra pode parecer, à primeira vista, um tanto fastidiosa. Talvez isso aconteça devido aos aspectos retóricos presentes nos textos dessa coletânea e, quem sabe, também pelo fato de todas as cartas tratarem do mesmo assunto – o sofrimento amoroso das personagens. Tal característica, entretanto, não diminui em medida alguma sua beleza e importância e, como se verá mais adiante, a inovação empreendida pelo poeta, no que respeita à composição tradicional elegíaca em vigor até então, dá-se pela importação de elementos próprios da epístola e da retórica, o que resultou, em certo grau, na modificação dos mitos, em favor das personagens femininas.

O intuito deste trabalho é apresentar, de forma simples, uma análise do tratamento dado por Ovídio ao mito de Medeia e Jasão e verificar em que medida o autor influencia o relato tradicional desse mito, de modo a permitir uma reinterpretação do estatuto daquela mulher, chamada por ele de *heroína*.

Considerou-se importante fazer uma breve exposição de alguns fatos da vida do autor, bem como apontamentos sobre suas principais composições e as características da sociedade romana, à época em que ele viveu.

Em seguida, serão apresentadas, com maiores detalhes, as *Heroides*, já que a análise foi dedicada a uma das cartas desse conjunto e é ela que fornece o contexto em relação ao qual se fez a comparação entre a personagem mitológica Medeia, como é ali retratada, e aquela que aparece em contexto euripídiano.

Após as linhas sobre as cartas das heroínas, apresentam-se considerações acerca das elegias, das epístolas e dos elementos retóricos, na tentativa de mostrar os pontos mais importantes da obra e, em seguida, dar a conhecer a história de Medeia na tragédia euripídiana e nos poemas ovidianos.

Em anexo, incorporou-se ao trabalho uma cópia da carta original e a tradução integral desta, retirada do livro *Heroides: A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*,

de Walter Vergna. Optou-se pela utilização dessa tradução pelo fato de ser ela, ao que tudo indica, a única versão vernácula completa já publicada e também para que a autora do trabalho estivesse mais segura no que respeita a problemas de tradução, que poderiam constituir embaraços à compreensão capazes, talvez, de comprometer a análise.

2. VIDA E OBRA OVIDIANA

Públio Ovídio Nasão (ou *Publius Ovidius Naso*) nasceu num povoado, a noventa milhas (aproximadamente 150 km) de distância de Roma, chamado Sulmo (atual Sulmona), em 20 de março do ano de 43 a.C. Pertencia a uma família da ordem equestre e, como era o costume da alta sociedade romana nessa época (de Augusto), foi enviado pelo pai a Roma, junto ao seu irmão mais velho, Lúcio, para que estudassem com os mais importantes mestres da retórica: Aurélio Fusco e Pórcio Latrão, além de mestres de outras áreas do saber.

Embora os irmãos tenham recebido a mesma educação, suas preferências e talento se destacaram de forma muito diferente, desde o início. Enquanto Lúcio demonstrava habilidade na arte da declamação, Ovídio, apesar dos progressos nessa mesma linha, logo se mostrou inclinado à poesia. O pai do poeta nunca se mostrou satisfeito em relação a isso. Apesar dos esforços empreendidos por Ovídio, na tentativa de acatar os conselhos de seu pai, seu encantamento pelo mundo dos mistérios sagrados e pela poesia foi maior.

Ovídio permaneceu aproximadamente um ano em viagens pela Grécia, Egito, Sicília e, mais tarde, pela Ásia Menor. Encantado com a beleza e a arte dos diversos países que visitou, volta a Roma, fascinado, especialmente pela Grécia. Quando de seu retorno, morre, com apenas vinte anos de idade, seu irmão Lúcio, fato que abalou profundamente o poeta. Após o infortúnio, Ovídio chegou a exercer alguns cargos públicos, mas, quando estava prestes a atuar como senador, decide libertar-se das amarras convencionais da sociedade romana da época e entregar-se à sua verdadeira paixão: a poesia.

Após a morte de César, em 44 a.C., seguiu-se um período de guerras civis, em que se enfrentaram dois triunviratos, dos quais saiu-se vencedor o de Otaviano que, entronado, proclamou-se, mais tarde, *Augustus* (Augusto). Ovídio viveu, portanto, no período em que a paz romana (*Pax Romana*) já havia sido instaurada por este imperador.

Augusto foi um grande incentivador das artes, principalmente da literatura, instrumento utilizado por ele na propagação de novas ideologias romanas. Os escritores recebiam total apoio, não somente do governo, como também de Mecenas¹. Ovídio foi recebido, então, por uma sociedade que vivia um clima de tranquilidade interna e oferecia terreno fértil à criação e manifestação artística.²

Ovídio foi profundo admirador dos poetas de seu tempo e não foi menos admirado por eles já que, tão logo publicou seu primeiro trabalho, obteve reconhecimento por todo o seu talento, sensibilidade e desenvoltura para a poesia.

A primeira obra publicada por Ovídio foi *Amores*, entre os anos 20 e 15 a.C.; não se sabe a data exata de sua publicação. Nessa mesma época, ele publica, também, as *Epistulae Heroidum*, sobre a qual se falará mais adiante, ambas de conteúdo erótico-amoroso. Convencionou-se chamar a esse período de primeira fase ovidiana, juntamente com a publicação de *A arte de amar*, *Produtos de beleza para o rosto da mulher* e *Remédios do amor*.

Escrita em dísticos elegíacos³ e composta inicialmente de cinco livros, reduzidos posteriormente a três, *Amores* é um conjunto de elegias eróticas, organizadas em capítulos sequenciais e apresentam-se como um romance, em que a *persona* poética de Ovídio canta seus amores por Corina que é considerada pela crítica mera criação literária, diferentemente de Tibulo e Propércio⁴, a cujas musas cantadas sempre se tentou associar alguma figura histórica e real (CARDOSO, 2003:80).

Por volta do século I a.C., Ovídio publica *A arte de amar* (*Ars amatoria*), também em dísticos elegíacos, num total de três livros e apresentava-se como uma espécie de manual da arte do amor e da sedução. Segundo Walter Vergna (1975), o povo romano inteiro conhecia os poemas, em forma de canção e talvez a obra tenha sido responsável pelo exílio do poeta, mais tarde.

¹ Mecenas era um aristocrata de grande influência política, sendo responsável pelo patrocínio de uma literatura nacional, engajada. Por isso, grandes círculos literários surgem nessa época e diversos escritores famosos, como Virgílio e Horácio, foram protegidos dele. Também Ovídio participará, mais tarde, do *Círculo de Messala*. (GONÇALVES,S.L. *As Heroides de Ovídio: Uma tradução integral*, 1998).

² PEREIRA SOBRINHO, L. *Heroides de Ovídio*, 1983.

³ Segundo Estêvão da Rocha Lima, em *O ritmo na poesia de Ovídio*, o dístico surgiu na Grécia (*dístichon*) e significa “o que tem duas linhas”; em métrica, equivale a “reunião de dois versos, formando um sentido completo”. *Elégeon dístichon*, era o termo usado em métrica para significar a forma do verso e equivalia a uma breve estrofe constituída de um hexâmetro e um pentâmetro. (LIMA, 2006:75)

⁴ Tibulo e Propércio, antecessores de Ovídio foram, assim como ele, expoentes da poesia elegíaca erótica, em Roma.

O texto de *A arte de amar* é um tanto rebuscado, devido aos recursos retóricos utilizados pelo autor e deixa transparecer sua intenção de ser um mestre no encaminhamento para o amor. Por isso, aconselha os jovens romanos a lerem seus versos e aprenderem as técnicas de sedução necessárias à conquista de todo e qualquer parceiro. É uma obra escrita para homens e mulheres e evidencia, em muitos aspectos, o comportamento do povo romano nas mais diversas situações cotidianas⁵.

Em *Produtos de beleza para o rosto da mulher (Medicamina faciei femineae)*, Ovídio endereça seus conselhos às mulheres de Roma, para que aprendam a seduzir os homens que desejam, ou o que devem fazer para que se mantenha sempre acesa a chama do amor evitando, assim, que sejam “trocadas” por outra mulher. Apenas uma parte dela foi conservada.

Pouco tempo depois de *A arte de amar*, Ovídio publica *Os remédios do amor (Remedia Amoris)*, em que trata dos sofrimentos, das marcas deixadas pelo amor e como curar tais feridas emocionais. Constitui-se também em uma resposta às críticas de *A arte de amar*. Nas palavras de Zélia de Almeida Cardoso, “O poema é perpassado de um leve tom irônico e retrata, mais uma vez, a frivolidade e a inconseqüência de uma faixa expressiva da sociedade de Roma” (CARDOSO, 2003, p.82).

Após essas obras, Ovídio publica as *Metamorfoses (Metamorphoseon libri)*, dando início a uma fase mais madura de sua produção. Nela, Ovídio retoma, com força, o cenário mitológico e substitui o dístico elegíaco pelo verso hexâmetro⁶, inspirando-se nos poetas alexandrinos. É de difícil classificação essa obra, como explica Zélia de Almeida Cardoso (2003, p.83):

Não é uma epopéia, apesar do tom épico, dos versos hexâmetros e do emprego sistemático da narração. Não se caracteriza também como poema didático, pois que, mesmo que quiséssemos considerá-lo como uma tentativa de explicar o universo pela teoria neopitagórica que admite a reencarnação da alma, iríamos esbarrar, sem dúvida, na falta de qualquer fundamentação científica, no superficialismo e no tratamento irônico e brincalhão dado a algumas lendas.

O poema é composto de 250 histórias mitológicas, totalizando 15 livros. Nelas, Ovídio explica a origem do universo e as metamorfoses dos deuses, até o século atual dos romanos. O

⁵ Vale lembrar que, além dos aspectos sociais gerais, a psicologia feminina romana é delineada de maneira especial naquela obra.

⁶ De acordo com Estêvão da Rocha Lima (2006, p26), o hexâmetro se compõe de seis pés dátilos e, no último pé, sempre falta uma sílaba. Isso será mais detalhado no capítulo sobre a *elegia*.

poeta termina o poema com a transformação de César em uma estrela brilhante para que, em seguida, ascenda Augusto. O final sugere, portanto, a imortalidade de Roma.

Entre 2 e 8 d.C., escreve os *Fastos (Fasti)*, no qual descreve as festas e cultos religiosos do calendário romano, bem como certos aspectos culturais e morais da sociedade romana. Também serviu ao propósito de favorecer a política de Augusto, a quem dedicou a obra, que totaliza seis cantos, com 4.920 versos, cobrindo os meses de janeiro a junho, motivo pelo qual se acredita tratar-se de uma obra inacabada.

De acordo com seus biógrafos, tanto as *Metamorfoses* quanto os *Fastos* foram escritos na mesma época e ambos foram deixados incompletos, pois Ovídio recebeu a notícia do degredo, que mudaria radicalmente sua vida, até o fim de seus dias. Augusto determina que o poeta seja exilado e, então, Ovídio é enviado a Tomos, uma cidade costeira muito longínqua e selvagem, no Ponto Euxino (atualmente o Mar Negro).

Esse episódio da vida do poeta permanece obscuro, até os nossos dias. Não se sabe, ao certo, a causa desse exílio, bem como a veracidade de tal fato, dado que a suposta expulsão do poeta está relatada somente em seus próprios versos. Alguns atribuem-no ao poema *A arte de amar*; outros, a que Augusto teria flagrado Ovídio em atitudes extremamente comprometedoras e talvez debochando do imperador. O que se sabe é que, de acordo com seus versos, o poeta teria permanecido naquela cidade até seus últimos dias, longe de todo o conforto, prazer e prestígio de que desfrutava em Roma. Suas tentativas de retorno se estenderam até a morte de Augusto, que jamais atendeu aos pedidos de Ovídio.

Em Tomos, Ovídio escreveu os *Cantos Tristes (Tristia)* e as *Cartas pônicas (Epistulae ex Ponto)*, em que parece desabar, em versos elegíacos, todo o sofrimento a que teve de se submeter pelo degredo: a saudade da pátria, dos amigos e da família, as condições precárias em que passou a viver, a revolta pela injustiça cometida contra ele, enfim, sua condição de exilado. Tudo é descrito nesses que foram seus últimos poemas lírico-elegíacos.

Ovídio escreveu, também, o panfleto *Íbis*, em que ataca um advogado da época (o que leva a supor que tal advogado teria relação com seu exílio) e um tratado sobre a prática da pesca, a *Haliêutica*.

Pelo que se sabe, Ovídio escreveu também uma peça chamada *Medeia* que, no entanto, se perdeu.

O poeta sulmonense permaneceu em exílio até o ano de 17 d. C., quando faleceu, sem nunca ter conseguido retornar à sua pátria.⁷

3. AS HEROIDES

As *Epistulae Heroidum*, ou *Heroides* são um conjunto de poemas, em forma epistolar, em que Ovídio utilizou-se do dístico elegíaco, aliado a elementos retóricos, totalizando 21 cartas. Nelas, as heroínas são mulheres apaixonadas e abandonadas por seus respectivos amados. Elas lhes escrevem, então, lamentando-se pelos motivos que ocasionaram o abandono. São personagens da mitologia greco-romana, com exceção da epístola de número 15, em que a personagem remetente é a poetisa Safo, mulher histórica e não lendária. As cartas de 1 a 14, 17, 19 e 21, foram escritas pelas heroínas; já as cartas 16, 18 e 20 são respostas dos amantes (Páris, Leandro e Acôncio).

Segundo Simone Ligabo Gonçalves (1998), a coleção continha, inicialmente, 14 cartas, três vezes editadas entre 20 e 16 a.C. Por volta de 8 d.C., acrescentaram-se sete cartas à obra, sendo uma de Safo, três escritas por heróis mitológicos em resposta às heroínas e mais três.

Diversas teorias põem em dúvida a autoria inteiramente ovidiana do texto integral das *Heroides*. No entanto, este trabalho não se ocupa de tal problema, antes, concentra-se na análise do tratamento dado por Ovídio à figura de Medeia, nunca deixando de lado o tema do amor em sua obra.

Em *Heroides*, Ovídio inova ao compor cartas de amor em versos. Os traços elegíacos servem agora ao propósito de cantar dores de mulheres lendárias que, nesse contexto, adquirem caráter humano e permitem conhecer seu drama no momento de tensão em que escrevem as cartas. Conforme explica Vergna (1975, p7):

“Ovídio sabe situar as estrelas de primeira grandeza na constelação da mitologia, exhibe-se materialmente como se os deuses deixassem o sólio empíreo para excursionar através dos versos fascinantes de um poeta da

⁷ Dados retirados dos textos de Walter Vergna, Simone L. Gonçalves e Pereira Sobrinho. Cf. bibliografia.

terra, de um poeta que a terra não soube ter, de um poeta que, estando na terra, sempre viveu com os deuses”.

E, assim, a *persona* poética incorpora as amantes mitológicas, caracterizando comportamentos humanos diante da “doença” amorosa. A paixão é tema de todas as cartas e a causa de todos os males.

A maioria das histórias tratadas nas cartas provém de lendas gregas. A carta de número VII (de Dido a Enéias), no entanto, faz parte da mitologia romana. Muitas delas, aliás, foram temas de tragédias, como é o caso da lenda de Medeia e Jasão. Cabe, aqui, acrescentar o que diz Hardie (2006, p20) em *The Cambridge Companion to Ovid*: “*Propertius’ Arethusa and Lycotas have no history outside that poem, but each of Ovid’s heroines does, and that history is an essential element of her Ovidian persona*”⁸. Por meio de recursos retóricos, Ovídio oferece um outro viés psicológico das personagens e, com o discurso que elabora para elas, tenta convencer os destinatários, seus leitores, de que realmente são plausíveis as causas que impulsionam as personagens na busca cega pelo objeto amado ou para justificar intenções nefastas, como é o caso de Medeia, que mata os próprios filhos.

4. ELEMENTOS ELEGÍACOS E RETÓRICOS

Será interessante fazer aqui uma breve exposição dos elementos próprios da elegia, desde sua origem até sua utilização pelos poetas romanos, bem como dos elementos retóricos utilizados por Ovídio, nas *Heroides*.

Em introdução ao livro *A elegia erótica romana*, Paul Veyne (1985) diz que a elegia era um tipo de poema em que se cantavam episódios amorosos e sua classificação, na Grécia e em Roma, fazia-se em função da métrica utilizada, da mesma forma que, hoje, classificam-se as danças conforme o ritmo.

Apesar de sua origem (*élegos*), que significa *canto de luto*, a elegia não era utilizada somente para cantar tal sentimento; considerava-se elegia qualquer poema composto de dísticos elegíacos (um hexâmetro e um pentâmetro). O ritmo da poesia dá-se pela alternância

⁸ Tradução livre: Aretusa e Licotas de Propércio não têm história fora do poema, mas cada heroína de Ovídio tem e essa história é um elemento essencial de cada *persona* Ovidiana.

entre sílabas breves e longas, que constituem os *pés* e eles, reunidos, formam o verso. O hexâmetro é composto por seis pés e o pentâmetro, por cinco (LIMA, 2006, p.25).

Ovídio construiu todos os versos das *Heroides* em dísticos elegíacos. Como os romanos deram outras dimensões às elegias, elas passaram a ser escritas para cantar o amor e Ovídio ampliou o tema para cantar os amores míticos.

As mulheres das *Heroides* sofrem a infelicidade no amor e seu discurso também serve como representação das mulheres da sociedade romana daquela época. Ovídio mostra mulheres mundanas, que desfrutam de liberdade sexual e ficam satisfeitas apenas enquanto seus amados se encontram junto delas, em seu leito. Quando o leito é abandonado, são capazes de tudo para recuperar o que foi perdido. Por isso, Ovídio recorre insistentemente às lendas mitológicas, como instrumento produtor de eloquência (amorosa) e persuasão. Tal expediente também fazia parte das escolas de retores, em que praticavam a eloquência e argumentação recorrendo a figuras históricas em seu discurso. O que se pode observar, nas epístolas, são exercícios retóricos como a *ethopeia* e as *suasoriae*. As *suasoriae* eram um exercício em que se propunha ao aprendiz que persuadisse uma personagem histórica ou lendária a adotar um determinado comportamento. Já na *ethopeia*, um recurso retórico destinado a promover uma relação de empatia entre o destinatário e a personagem, de modo a que fosse levado a imaginar-se no lugar da personagem e tomar a sua decisão.

De fato, o uso desses recursos permeia praticamente todas as cartas e, por serem consideradas epístolas, juntamente com o uso de recursos retóricos, Ovídio congela a ação da personagem no momento da escrita e, desse modo, elabora um discurso cuja finalidade parece ser primariamente a de tentar convencer os amantes a voltarem para os braços de suas amadas.⁹

5. UM POUCO SOBRE EURÍPIDES

⁹ Epístolas são cartas publicadas e atendem a uma função literária, artística. Cartas, por sua vez, supõem um destinatário pessoal, particular e não são, portanto, destinadas à publicação. No caso das *Heroides*, Ovídio une as duas coisas. Faz delas correspondências pessoais e, no entanto, esses correspondentes fazem parte da mitologia, da literatura. São, portanto, personagens literárias que entram em contato através do instrumento *cartas*.

Existem muitas versões acerca da vida do poeta Eurípides. As biografias tradicionais apontam a data de 480 a.C. como nascimento. No entanto, existe uma inscrição em mármore de Paros (uma cronografia grega do século III a.C.) em que consta a data de 484 a.C. e muitos estudiosos modernos preferem fixar seu nascimento nesta data, em Salamina. Faleceu na Macedônia, em 406 a.C.

Há também controvérsias em relação a sua origem, se teria sido humilde ou não. O fato é que Eurípides recebeu uma educação privilegiada para os moldes da época, tendo sido discípulo de filósofos como Protágoras e Anaxágoras. Foi também ensinado a praticar esportes, dos quais nunca gostou, entregando-se à pintura e à música, conhecimentos que utilizaria em suas tragédias.

Eurípides viveu em Atenas em seus tempos de glória, mas foi exilado, talvez por blasfêmia e passou por várias cidades, até se transferir definitivamente para a Macedônia. Lá, tornou-se amigo de artistas de diversas áreas, formando com eles uma espécie de “Universidade do exílio”. Escreveu quase uma centena de peças, das quais restaram, inteiras, apenas um drama satírico, *Ciclope*, e dezessete tragédias; entre elas, *Medeia*.¹⁰

6. O MITO DE MEDEIA E JASÃO

Após essas rápidas informações sobre a vida de Eurípides, passar-se-á agora à história de Medeia e Jasão. Os dados foram retirados dos livros de Walter Vergna e de Olga Rinne.¹¹ Mais comentários sobre o tragediógrafo e sua relação com esse mito serão feitos no item em que os dois poetas serão contrastados.

A mitografia estabelece que Medeia era uma princesa da Cólquida, famosa pela prudência, pela arte de curar e pelos poderes mágicos. Apaixonou-se por Jasão, o líder dos Argonautas que, após abandonar Hipsípila, recebeu de Minerva a incumbência de conquistar o velocino de ouro guardado em seu país, razão pela qual Jasão empreendeu viagem marítima e atracou no país de Medeia. O pai de Medeia, o rei Eetes, possuía esse velocino e o mantinha guardado por um dragão. Tão logo avistou Jasão, a heroína apaixonou-se cegamente. Jasão,

¹⁰ Referências retiradas de “Ésquilo, Sófocles e Eurípides”, 1982, editado por Victor Civita. Maiores detalhes se encontram na bibliografia, ao final do trabalho.

¹¹ Cf. bibliografia, ao final do trabalho.

que também parecia estar apaixonado, suplica pela ajuda de Medeia e pede-lhe que use seus feitiços para ajudá-lo no cumprimento de sua tarefa, prometendo-lhe, em presença dos deuses, casamento e fidelidade eterna.

Medeia, traindo a confiança paterna, ajuda Jasão em seu intento e decide, em seguida, fugir com ele em seu navio. Portanto, ela trai os seus em favor da paixão por Jasão. O pai de Medeia, rei da Cólquida, persegue o casal, com a ajuda de seu filho Absirtes, irmão de Medeia, o qual ela mata e esquarteja, espalhando seus pedaços pelo caminho, para retardar a perseguição paterna.

No caminho, o casal atraca em Iolco, reino de Jasão, que havia sido tomado pelo usurpador Pélias. Jasão, na tentativa de resgatar o trono perdido, comete outros crimes em companhia de Medeia. Fogem de Iolco e terminam sua jornada em Corinto, onde governava o rei Creonte.

Medeia e Jasão tiveram dois filhos e viveram em harmonia, até que o argonauta decidiu desposar Creusa, filha do rei Creonte, com o intento de tornar-se rei e recuperar o que havia perdido em Iolco. O drama do casal tem início, então. Medeia não aceita a traição de Jasão e Creonte ordena que ela e seus filhos sejam exilados, temendo a reação da feiticeira da Cólquida, pois sua fama nas artes mágicas era de conhecimento de todos. Ela, então, sem pátria, família e, agora, sem marido, decide vingar-se de todos os que causaram o seu sofrimento, especialmente de Jasão. Consegue retardar sua partida, em um dia; disfarça sua ira, exibindo uma aparência de calma e conformismo; então, oferece a Creusa um presente de casamento, enviado pelos próprios filhos. Era um vestido envenenado. A princesa, fascinada com a beleza da roupa, veste-a e é tomada por chamas. Seu pai, Creonte, ao tentar ajudá-la acaba por morrer queimado, junto à filha. Em seguida, o pior dos castigos: Medeia mata os dois filhos, em desejo de punição a Jasão, deixando-o absolutamente sem nada.

Na versão euripiana, Medeia, após o assassinato, foge de Corinto numa carruagem alada, levando consigo os corpos dos filhos, para oferecê-los ao reino de Hades.

7. OVÍDIO *VERSUS* EURÍPIDES

O mito de Medeia já foi retratado de inúmeras maneiras, desde a Antiguidade Clássica. Sua figura sempre foi associada a adjetivos dos piores possíveis, tamanha a hediondez de seus atos, em especial os cometidos por amor. No entanto, quando se conhece sua história, pode-se entender que a repulsa causada por tais atos provém da versão do mito feita por Eurípides em, aproximadamente, 431 a.C., e que acabou por permanecer até os dias atuais. A história de Medeia, porém, tem origem num ciclo muito mais antigo de mitos, dos quais apenas alguns fragmentos foram conservados. Na versão de Eurípides, consagrou-se a característica assassina da feiticeira pois foi ele quem a apresentou, pela primeira vez, matando a própria prole. Segundo Olga Rinne, no livro *Medeia – o direito à ira e ao ciúme*, em uma das versões de lendas muito antigas, Medeia teria sido a rainha de Corinto e os coríntios, insatisfeitos com seu governo, teriam matado seus filhos. Para Heródoto, Medeia teria sido raptada numa expedição de saque, sem ter, portanto abandonado voluntariamente a sua pátria. Noutras versões, a morte de seu irmão Absirtes é atribuída a Jasão (RINNE, 1995, p.9). Fato é que o mito sofre modificações que se poderiam chamar “crono-religiosas”, no sentido de que suas interpretações são adequadas às modificações das sociedades, em conformidade com o tempo e os costumes.

Embora a sociedade romana em muito se assemelhe à sociedade grega em seus costumes e crenças, principalmente em relação aos mitos, que foram assimilados pelos romanos, há que se atentar às suas muitas diferenças, especialmente no tocante às mulheres e aos aspectos femininos da cultura.

Na Roma de Ovídio, a vida das mulheres se diferenciava muito da vida que levavam as gregas. Embora muitos costumes ainda permanecessem comuns como, por exemplo, a questão do dote, as romanas gozavam de maior liberdade. Faz-se menção, tanto em Eurípides quanto em Ovídio, ao dote como condição para que se realizasse o casamento:

“De todos os seres que respiram e que pensam, nós outras, as mulheres, somos as mais miseráveis. Precisamos primeiro comprar muito caro um marido, para depois termos nele um senhor absoluto de nossa pessoa, segundo flagelo ainda pior que o primeiro” (EURÍPIDES, p.171).¹²

“Perguntas onde está o dote? Nós dois relacionamos o dote no campo que irias arar quando roubaste o velocino. Aquele difícil carneiro reluzente de lã dourada é meu dote” (VERGNA, p.112).¹³

¹² Cf. Bibliografia, ao final do trabalho

¹³ Tradução de Walter Vergna a partir do original latino; cf. Anexo B. Os versos originais encontram-se no Anexo A, versos 199 a 201, de Walter Vergna.

Na peça de Eurípides, encontra-se Jasão, em discurso retórico, tentando convencer Medeia de seus motivos para desposar Creusa, quando fala da preocupação em garantir um futuro seguro aos próprios filhos e que isso será possível somente com seu novo casamento. Ele, um exilado, não poderia ter sorte maior do que as núpcias com a filha do rei. Junto aos filhos que teria com Creusa, seriam criados os filhos de Medeia, que não passaria de uma ciumenta, aos olhos de Jasão; para ele, ela põe a perder a boa sorte e as boas intenções do marido, simplesmente por ciúme. Jasão conclui:

“Os mortais deviam ter seus filhos por outro meio qualquer. Não haveria mais mulheres e os homens ficariam libertos desse flagelo!” (EURÍPIDES, p.82).

Nas *Heroides* não existem argumentos de Jasão a serem confrontados com os de Medeia, visto que não se conhece a provável resposta a sua carta, escrita no momento em que recebe a notícia da traição, por um de seus filhos, que avista o cortejo encabeçado por Jasão. A heroína chega a suplicar, em nome da prole, que ele repense a decisão e devolva-lhe o leito:

“Suplico-te pelos deuses superiores, pelo esplendor da luz do meu antepassado, por meus favores, por estas crianças, prendas do nosso amor, devolve-me o leito pelo qual eu, louca de amor, renunciei a tantos bens. Cumpre tuas promessas e não me negues auxílio” (VERGNA, p. 112)¹⁴.

Vê-se, então, uma possibilidade de serem evitadas as desgraças que estão por vir; o que não ocorre na peça de Eurípides, em que, desde o início, pela fala da Ama, já se sabe que as tragédias não serão evitadas. Ainda que ela fale sobre o desfecho inevitável, utilizando-se dos adjetivos “terrível”, “violenta”, “assustadora”, etc., o monólogo da Ama, como afirma Edvanda Bonavina da Rosa (1989, p37), constitui uma estratégia narrativa para assegurar a adesão do espectador e, assim, despertar sua simpatia pela figura de Medeia. A fala da ama e a fala de Jasão, embora este queira nos convencer de suas boas intenções para com Medeia, chama a atenção do espectador para a situação da mulher grega, que só servia aos homens para a procriação de filhos fortes, os quais comporiam seus exércitos.

Ao atribuir a Medeia o infanticídio, pode-se dizer que Eurípides manifesta um contraste entre tal comportamento e a situação feminina da sociedade grega. As mulheres compunham a parcela ignorada dessa população, sendo tratadas de forma não muito diferente

¹⁴ Cf. Anexo A, versos 190 a 194.

dos escravos. Quando a *hýbris*¹⁵ de Medeia se revela definitivamente e atinge seu ápice com o assassinio dos filhos, a peça mostra o quão destruidora pode-se tornar a mulher desvalorizada, ultrajada ou traída, em seu leito. Isso mostra, portanto, o quanto Medeia está longe de se assemelhar às mulheres gregas; a resignação não lhe cabe em momento algum.

Nas *Heroides*, Ovídio mostra mulheres totalmente tomadas pela paixão e suas ações são determinadas pela influência de Vênus e Eros. As cartas retratam uma liberdade sexual maior das mulheres da sociedade romana.

O período Augustano de Roma caracterizou-se pela paz e pleno desenvolvimento de diversos setores da sociedade. O comportamento social pode ser constatado pelas elegias de Ovídio. É claro que não se pretende dizer, com isso, que existia igualdade entre homens e mulheres, no tocante à vida sexual, mas existia menor opressão feminina na Roma de Ovídio do que na Grécia de Eurípidés, especialmente em relação ao casamento que, embora fosse também um tipo de contrato, pressupunha uma relação de respeito e carinho mútuos, como se pode ler neste trecho:

“Among the elite, marriages were arranged [...] for economic and political alliances, but the ideology of marriage as we see it here presumes the growth of mutual respect, affection, and loyalty”.¹⁶

É justamente esse comportamento que se encontra nas *Heroides*, já que elas são o retrato de um estágio da sociedade, descrito sob os olhos de um poeta sensível à observação dos costumes que, além disso, também sentia a influência da elite de onde ele próprio provinha. A Medeia ovidiana quer de volta o que a sociedade romana mostrava que ela poderia ter; deseja o que lhe havia sido prometido por Jasão; cobra dele o respeito e lealdade mútuos citados na passagem transcrita.

Outro aspecto interessante diz respeito ao ciúme da Medeia ovidiana. Devido às características há pouco citadas, originadas pela mudança de costumes, em Roma, a mulher conquistou certa emancipação. Como *mater familias* e senhora da casa, ela ocupava uma posição de honra, tinha acesso à cultura e administrava pessoalmente seus bens, caso os tivesse (RINNE, 1995, p.95).

¹⁵ Segundo Rachel Gazolla, p.76, a *hýbris* é o “excesso”, “a ação desmedida”, que caracteriza a personagem heroína trágica. Cf. bibliografia.

¹⁶ Tradução livre: “Entre a elite, os casamentos eram arranjados [...] para fins de aliança política e econômica, mas a ideologia do casamento, como podemos ver aqui, presume o desenvolvimento de respeito, afeição e lealdade mútuos” (FANTHAM *et alii*, 1994, p.320).

Pode-se considerar que a ideia de ciúme está ligada a um sentimento de posse, deve-se evitar levar a público tal sentimento, pois ele será duramente reprimido e ridicularizado, especialmente se provier de uma mulher. Os homens, quando mostram ciúme, são alvos de reação diferente por parte da sociedade. Em Eurípides, como foi dito anteriormente, Jasão culpa Medeia por atrapalhar seus planos com Creusa, atitude que ele ridiculariza, de certa forma, pois diz que ela faz isso apenas por ciúme. Em Ovídio, embora não existam as palavras de Jasão, o ciúme de Medeia é também um sentimento ridicularizado pela sociedade, como se pode depreender das palavras da própria Medeia de Ovídio:

“O despeito me aconselhava a perder-me em meio à multidão e a desalinhar os cabelos. Com dificuldade me contive, para não gritar, com os cabelos desganhados como estavam, e lançando as mãos em ti: “Ele é meu!”(VERGNA, p.111).¹⁷

Além disso, há ainda outro aspecto a ser considerado: o caráter divino de Medeia.

Ao longo do texto Euripidiano, inúmeros deuses são evocados, tanto por Medeia, quanto pelos outros personagens. Vale lembrar que Medeia é neta de Hélios, que é um dos Titãs, portanto, anterior aos deuses olímpicos. É sobrinha de Circe e Hécate (esta ensinou a ela os poderes da magia), ambas, divindades pré-olímpicas. Medeia, portanto, descende do período *teogônico* que, na tradição grega, foi o período de guerras entre os deuses, até que Zeus aparecesse para apaziguá-los (GAZOLLA, 2001, p.111).

Rachel Gazolla chama a atenção para o caso da invasão de Atenas pelos persas, em 480 a.C., quando a cidade foi totalmente destruída. Portanto, quando da representação da peça, ainda estavam pungentes nos gregos os rastros daquela invasão. Em razão disso, o estrangeiro ainda não era visto com bons olhos por eles. Ora, Medeia é uma estrangeira e considerada, pois, uma não-grega, uma bárbara. Acresce também ser ela, reconhecidamente, uma feiticeira. Por isso, Creonte teme suas reações e, tão logo sua filha se junta a Jasão, determina que ela e seus filhos sejam exilados de Corinto. O autor grego nos mostra, então, esse problema social, que é o preconceito com estrangeiros, os “bárbaros”. Jasão mesmo afirma a Medeia o favor que lhe foi prestado, quando a levou para terras gregas, onde pôde ela conhecer as leis e onde se tornou famosa, pelos seus poderes. Tal discurso revela que Medeia, aos olhos de Jasão, não tem direito algum de ofender-se pela troca de leitos. É ela quem lhe deve favores. No entanto, o contato de Medeia com os conceitos gregos só faz aumentar ainda mais sua revolta. A lealdade não foi mantida; o trato foi rompido. Com a traição, ela,

¹⁷ Cf. Anexo A, versos 155 a 158.

descendente da magia e feiticeira que é, vai usar de seus poderes divinos para que a justiça seja feita. Além da questão da justiça, há aqui a questão feminina novamente. Vingarse dos que cometeram a injustiça é recobrar seu valor como mulher dentro dessa sociedade, como se pode depreender do canto do coro euripidiano:

Os rios sagrados remontam à nascente. Já não existe justiça, nada mais está de pé. Os homens tramam pérfidas conspirações, e a fé nos deuses já não tem raízes nos corações. Dentro em breve a fama mudará de linguagem, e não terá para conosco louvores suficientes. Aproxima-se o dia em que a mulher será reverenciada e uma injuriosa reputação já não pesará sobre ela. (EURÍPIDES, p.178).

No caso das *Heroides*, o que se vê, no entanto, é uma Medeia que, apesar de seus planos funestos, está descrente de seus próprios poderes.

Eu, que pude dominar os dragões e os touros furiosos, não pude dominar um homem apenas; eu que afastei as chamas vorazes com sábios encantamentos, não consigo afugentar de mim as chamas. Até os cantos, as ervas, as artes me abandonam; de nada valem a poderosa deusa Hécates e seus mistérios (VERGNA, pp.111-112).¹⁸

Como já se disse, Ovídio atribuiu características do comportamento feminino de sua própria época às heroínas das *Heroides*, mas sob a ótica masculina. Ao fazer isso, acabou por modificar o caráter divino ou semidivino que muitas das personagens tinham, e elas passaram a ter características romanas. A Medeia ovidiana, desde o início da carta, mostra-se corroída pelo ciúme e organiza seu discurso em torno da imagem da mulher frágil e inocente que, enganada pelo amado, é tomada por loucura e sede de vingança. São inúmeros os termos relativos ao fogo da paixão, no texto: *chama, fogo, ígneas, flamejantes*, etc., tudo reforça lexical e semanticamente o curso da ação planejada; tudo explica a loucura de seus atos, dos quais ela não pode fugir, pois a força de Eros faz sucumbir até mesmo os deuses.

Há que se apontar também a disposição de Medeia em recapitular toda a história que teve com Jasão, para fazê-lo lembrar todas as provações pelas quais ele teve de passar, até que encontrasse a ajuda da feiticeira. Reproduz fielmente também o discurso de Jasão, no momento em que lhe jurava amor e lealdade eterna, invocando como testemunhas as deusas Juno e Diana. Fazê-lo sentir-se culpado e arrependido é a sua intenção pois se para ela ele voltasse, ela o aceitaria por piedade; seria feliz a seu lado, pois ele lhe estaria retribuindo seus

¹⁸ Cf. Anexo A, versos 163 a 168.

favores, cumprindo sua promessa de outrora. Na peça de Eurípides, Medeia também relembra suas ações, mas de forma diferente. Pode-se dizer que há também, na carta, a possibilidade de Medeia sujeitar-se a mais humilhações do que a humilhação causada pela troca de esposas. Ter consciência de que o amor do companheiro acabou-se e de que ele continuaria com ela apenas por gratidão, não deixa de ser humilhante. O mais importante, para a Medeia de Ovídio, é que Jasão seja somente dela. Seu discurso, totalmente retórico, descrevendo os caminhos que a levaram a seguir Jasão, chega a ser infantil.

A Medeia de Eurípides é uma força vingativa que não aceita humilhações. Como já se disse aqui, sabe-se desde o início que não há como permanecerem impunes aqueles que ultrajaram alguma divindade. Essa Medeia quer recobrar sua dignidade como mulher, que foi anulada por sua devoção tão intensa ao marido. Além disso, ao que parece, no texto euripídiano, a morte dos filhos consiste também em elevá-los à condição divina, tal como a mãe:

[...] Sou eu quem os enterrarei com minhas mãos. Vou levá-los ao bosque sagrado de Hera Acréia, para que nenhum inimigo lhes cause o ultraje de violar-lhes a sepultura. E nesta terra de Sísifo instituirei uma festa solene e sacrifícios em expiação por esse assassinato ímpio. Parto para a cidade de Erecteu, onde compartilharei da morada de Egeu, filho de Pandíon (EURÍPIDES, p.214).

Essa Medeia menciona várias vezes a importância de que eles sejam mortos por suas próprias mãos, pois foi ela quem lhes deu a vida. A mãe não permitiria que seus filhos se separassem dela e corressem riscos nas mãos da nova esposa do pai:

“Não! Pelos demônios vingadores, pelos deuses dos infernos, não será dito que terei deixado os meus filhos expostos aos ultrajes de meus inimigos. (É absolutamente preciso que eles morram e, pois que é preciso, sou eu que lhes darei a morte, como fui eu que lhes dei o dia.)” (EURÍPIDES, p.202).

Portanto, era preferível que as crianças fossem mortas por ela própria a que fossem submetidas a sua ausência e ficassem nas mãos de estranhos e de um pai que, a seu ver, não pensava mais nos filhos desde que trocou a mãe por outra mulher. Ao final da peça, Medeia carrega os corpos consigo.

Rachel Gazolla chama a atenção para outro aspecto do drama: quando Jasão quebra seu juramento e troca Medeia por Creusa, já que isso parecia, conforme alegava, ser mais interessante para a prosperidade social de si mesmo e de sua família, Eurípides mostra como

os juramentos aos deuses só são importantes nos momentos em que se está em desespero. Quando Jasão necessitava de Medeia, recorreu a ela e lhe fez juras eternas; já no tempo em que transcorre a peça, por ter já conseguido o que queria, não precisa mais dela e volta-lhe as costas (GAZOLLA, 2001, p.125). Essa quebra de antigas alianças, em Eurípides, tem relação com as tensões sociais e políticas, vividas na Grécia naquela época. Em Ovídio, a revolta pela quebra do juramento parece referir-se apenas à paixão sem limites de Medeia e seu sentimento de posse.

Enquanto em Ovídio observa-se uma Medeia mais humanizada, frívola e cega de paixão, em Eurípides ela retorna ao seu estado de semidivindade quando, ao final da peça, foge de Corinto num carro alado, levando os corpos de seus filhos e oferecendo-os ao reino de Hades. Gazolla conclui que Medeia, ao final da peça, deixa evidente o quanto está acima dos humanos e somente um ser assim poderia executar ações que nem mesmo as feras executariam (GAZOLLA, 2001, p.133). Ovídio, ao contrário, não deixou nada conclusivo, ao terminar a carta:

“Sem dúvida, algo mais terrível agita o meu espírito” (VERGNA, p. 112)

Não se pode concluir, apesar da frase, o que fez Medeia ao terminar a carta. Teria tido ela realmente coragem de matar os filhos? Teria Jasão, após ler a carta (se é que leu), voltado para ela, arrependido? Embora se saiba que Ovídio se tenha apoiado nos mitos tradicionais ao compor as cartas das *Heroides*, sabe-se também que o poeta teve a intenção de adequar as heroínas às mulheres de seu tempo. Se houvesse sido produzida também uma carta-resposta de Jasão, talvez se pudesse conhecer um outro final para essa história. Talvez Ovídio tivesse mudado o destino dessa mulher que tanto sofreu e tanto foi desprezada por suas atitudes apaixonadas. Ou, quiçá, o final da carta tivesse de ser mesmo como é, para que a tão assustadora história de Medeia continuasse a ter o peso que sempre teve.

8. CONCLUSÃO

Conforme se afirmou aqui, Ovídio atribuiu características muito humanas às personagens femininas das *Heroides* e toda forma de manifestação artística reflete as crenças

e/ou costumes da época em que vive o artista. Assim como Ovídio, a apresentação do mito, por Eurípides, promove uma reflexão junto ao seu público, de forma que, então, tal público possa identificar-se com algum aspecto da fábula e medir suas ações e juízos em confronto com ela.

A história de Medeia e Jasão, desde a sua representação pelas mãos de Eurípides, apresenta a versão cruel e assassina da feiticeira e, por isso mesmo, mostra o caráter divino, ainda, inumano de Medeia, representada como um ser acima do comum dos mortais, trazendo à tona a consciência de que a força dos deuses é infinitamente superior e nunca dependente das aspirações humanas; não se pode ficar impune ao desrespeitar as divindades. Eurípides mostra-se um autor ligado à ética de sua época e, com isso pretendeu fazer com que os gregos se vissem refletidos nas atitudes das personagens da tragédia, não somente no que respeita à questão do pensamento mítico de seu tempo, mas também no tocante a outras questões sociais do estatuto feminino na Grécia antiga.

Já Ovídio mostra uma Medeia em sua condição totalmente humana e feminina, mais típica das concepções e estatuto romanos, tal como o fez em suas outras elegias, revelando como as mulheres de seu tempo encaravam as paixões e traições. Nas *Heroides*, encontramos uma Medeia desesperada por ver seu amor traído e pelo abandono do leito conjugal, mas também uma mulher passível de perdoar e receber o amado em seus braços, dadas as súplicas pela volta de Jasão, constantes da *Epístola XII*, embora seu discurso faça parecer que ela o punirá, conforme a consagrada versão desse mito. O que permite essa conclusão é o final da carta, que não atesta a consumação de seus planos.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, Z. de A. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BIGNONE, E. **Historia de la literatura latina**. Trad. Gregorio Alperín. Buenos Aires: Losada, 1952.
- CANDIDO, M. R. **Medeia, mito e magia: a imagem através do tempo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ. Fábrica do livro/ SENAI, 2006/2007.
- EURÍPIDES. *Medeia*. In CIVITA, V.(org.). Prometeu acorrentado / Ésquilo. Édipo Rei / Sófocles. *Medeia / Eurípides* ; trad. Alberto Guzik, Geir Campos, Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Victor Civita, 1982.
- FANTHAM, E., FOLEV, H.P., KAMPEN, N.B., POMEROY, S.B., SHAPIRO, H.A. **Women in the classical world: image and text**. New York: Oxford University Press, 1994.
- LIMA, E.R. **O ritmo na poesia de Ovídio**. 2ª Ed. Maceió: Ufal, 2006.
- GONÇALVES, S.L. *As Heroides de Ovídio: uma tradução integral*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GAZOLLA, RACHEL. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega. Ensaio sobre aspectos do trágico**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GRIMAL, P. **O amor em Roma**. Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HARDIE, P. **The Cambridge Companion to Ovide**. Cambridge University Press, 2006.
- OVIDIO. **Cartas de las heroínas; Íbis**. Introducciones, traducciones y notas de Ana Pérez, Veja. Madrid: Gredos, 1994.
- PEREIRA SOBRINHO, L. **Heroides de Ovídio**. São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- RINNE, O. **Medeia: O direito à ira e ao ciúme**. Trad. Margit Martincic e Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.
- ROSA, E.B. **Medeia: O sagrado e o profano**. Araraquara, 1989. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara.

SCHWAB, G. **As mais belas histórias da antiguidade clássica: os mitos da Grécia e de Roma**. 5ª Ed. Paz e Terra.

VEYNE, P. **A elegia erótica romana**. Trad. Maria G. S. Nascimento e Milton M. do Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERGNA, W. **Heroides: A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio**. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.

ANEXOS

ANEXO A- Texto original¹⁹

XII

MEDEA JASONI

*At tibi Colchorum, memini, Regina vacavi,
 Ars mea cum peteres ut tibi ferre topem.
 Tunc, quae dispensat mortalia fata, Sorores
 Debuerant fusos evoluisse meos.
 Tunc potui Medea mori bene: quidquid ab illo
 Produxi vitae tempore, poena fuit.
 Hei mihi! Cur unquam juvenilibus acta lacertis
 Phirixeam petit Pelias arbor ovem?
 Cur unquam Colchi Magnetida vidimus Argon,
 Turbaque Phasiacam Graia bibistis aquam?
 Cur mihi plus aequo flavi placuere capilli,
 Et decor et linguae gratia ficta tuae?
 At, semel in nostras quoniam nova puppis arenas
 Venerat, audaces attuleratque viros,
 Isset anhelatos non praemedicatus in ignes
 Immemor Aesonides oraque adunca boum,
 Semina jecisset, totidem sensisset et hostes;*

¹⁹ Walter Vergna em *Heroides: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Museu de armas Ferreira da Cunha: Rio de Janeiro, 1975.

Ut caderet cultu cultor ab ipse suo.

Quantum perfidiae tecum, scelerat, perisset!

Dempta forent capiti quam mala multa meo!

Est aliqua ingrato meritum exprobare voluptas;

Hac fruar: haec de te gaudia sola feram.

Jussus inexpertam Colchos advertere puppim,

Instrasti patriae regna beata meae.

Hoc illic Medea fui nova nupta quod ic est.

Quam pater est illi, tam mihi dives erat:

Hic Ephyren bimarem, Scythia tenuis ille nivosa

Omne tenet, Ponti qua plaga laeva jacet.

Accipit hospitio juvenes Aeta Pelasgos,

Et premitis pictos corpora Graia toros.

Tunc ego te vidi, tunc coepi scire quid esses:

Illa fuit mentis prima ruina meae.

Vt vidi, ut perii! Nec notis ignibus arsi,

Ardet ut ad magnos pínea taeda deos.

Et formosus eras, et me mea fata trahebant:

Abstulerant oculi lumina nostra tui.

Perfide, sensit, quis enim bene celat amorem?

Eminet indicio prodita flamma suo.

Dicitur interea tibi Lex, ut dura ferorum

Insolito premeres vomere colla boum.

Martis erant tauri plus, quam per cornua, saevi;

Quorum terribilis spiritus ignis erat;

Aere pedes solidi, praetentaque naribus aera,

Nigra per adflatus haec quoque facta suos.

Semina praetera, populos genitura, juberis

Spargere devota lata per arva manu,

Qui peterent secum natis tua corpora telis.

Illa est agricolae messis iniqua suo.

Lumina custodis, succumbere nescia somno,

Ultimus est aliqua decipere arte labor.

Dixerat Aetes: moesti consurgitis omnes;

Mensaque purpureos deserit alta toros.

Quam tibi nunc longe regnum dotale Creusae

Et socer, et magni nata Creontis erant!

Tristis abis; oculis abeuntem prosequor udis,

Et dixit tenui murmure lingua: "Vale!"

Vt positum tetigi thalamo male saucia lectum,

Acta est per lacrimas nox mihi, quanta fuit.

Ante oculos taurique meos segetesque nefandae;

Ante meos oculos perfigil anguis erat.

Hinc amor, hinc timor est; ipsum timor auget amorem.

*Mane erat; et thalamo cara recepta soror,
Disjectamque comas, aversaque in ora jacentem
Invenit, et lacrimis omnia plena meis.
Orat opem Minyis: petit altera et habebit.
Aesonio juveni, quod rogat illa, damus.
Est nemus, et piceis et frondibus ilicis atrum:
Vix illuc radiis solis adire licet.
Sunt in eo, fuerantque diu, delubra Dianae:
Aurea barbarica stat dea facta manu.
Nostine na exciderint mecum loca? Venimus illuc;
Orsus es infido sic prior ore loqui:
“Jus tibi et arbitrium nostrae fortuna salutis
Tradidit: inque tua est vitaque morsque manu,
Perdere posse Sat est, si quem juvet ista potestas;
Sed tibi servatus gloria major ero.
Per mala nostra precor, quorum potes esse levamen,
Per genus et numen cuncta videntis avi,
Per triplices vultus arcanaque sacra Dianae,
Et si forte alios gens habet ista deos,
O virgo, misere mei; miserere meorum!
Effice me meritis tempus in omne tuum.
Quod si forte virum non dedignare Pelasgum*

(Sed mihi tam faciles unde meosque deos?)

Spiritus ante meus tenues vanescat in auras,

Quam thalamo, nisi tu, nupta sit ulla meo.

Conscia sit Juno, sacris praefecta maritis,

Et dea, marmorea cujus in aede sumus.”

Haec animum (et quota pars haec sunt?) movere puellae

Simplicis, et dextrae dextera juncta meae.

Vidi etiam lacrimas: na et est pars fraudis in illis?

Sic cito sum verbis capta puella tuis.

Jungis et aripedes inadusto corpore tauros,

Et solidam jusso vomere findis humum.

Arva venenatis, pro semine, dentibus implet;

Nascitur et gladios scutaque Miles habet.

Ipsa ergo, quae dederam medicamina, pallida sedi,

Cum vidi subitos arma tenere viros;

Donec terrigenae, facinus mirabile! Fratres

Inter se strictas conseruere manus.

Pervigil ecce draco, squamis crepitantibus horrens,

Sibilat et torto pectore verrit humum.

Dotis opes ubi tunc? Ubi tunc tibi regia conjux?

Quique maris gemini distinet isthmos aquas?

Illa ego quae tibi sum nunc denique barbara facta
Nunc tibi sum pauper, nunc tibi visa nocens,
Flammea subduxi medicato lumina somno,
Et tibi, quae raperes, vellera tuta dedi.
Proditus est genitor; regnum patriamque reliqui;
Munus in exilio quo libet esse tuli.
Virginitas facta est peregrini praeda latronis;
Optima, cum cara matre, relicta soror.
At non te fugiens sine me, germane, reliqui:
Deficit hoc uno littera nostra loco.
Quod facere ausa mea est, non audet scribere dextra;
Sic ego, sed tecum, dilaceranda fui.
Nec tamen extimui (quid enim post illa timerem?)
Credere me pelago femina, jamque nocens.
Numen ubi est? Ubi di? Meritas subeamus in alto,
Tu fraudis poenas, credulitatis ego.
Complexos utinam Symplegades elisissent,
Nostraque adhaerent ossibus ossa tuis!
Aut nos Scylla rapax canibus misset edendos!
Debit ingratis Scylla nocere viris.
Quaeque vomit fluctus totidem, totidemque resorbet,
Nos quoque Trinacriae supposuisset aquae!

Sospes ad Haemonias victorque revertis urbes;
Ponitur ad patrios aurea lana deos.
Quid referam Peliae natas, pietate nocentes,
Caesaque virginea membra paterna manu?
Vt culpent alii, tibi me laudare necesse est,
Pro quo sum toties esse coacta nocens.
Ausus es (o! justo desunt sua verba dolori),
Ausus es, "Aesonia, dicere, cede domo".
Jussa domo cessi, natis comitata duobus,
Et, qui me sequitur semper, amore tui.
Vt subito nostras Hymen cantatus ad aures
Venit, et accenso lampades igne micant,
Tibiaque effundit socialia carmina vobis,
At mihii funereal flebiliora tuba,
Pertimui; nec adhuc tantum scelus esse putabam:
Sed tamen in Toto pectore frigus erat.
Turba runt; et "Hymen", clamant, "Hymenaeae", frequentant;
Quo propior vox est, hoc mihi pejus erat.
Diversi flebant servi lacrimasque tegebant.
Quis vellet tanti nuntius esse Mali?
Me quoque, quidquid erat, potius nescire juvabat:
Sed tanquam scirem, mens mihi tristis erat.

*Cum minor e pueris jussus studioque videndi,
Constitit ad gemina elimina prima foris.
Hinc mihi: "Mater, abi: pompam pater, inquit, Jason
Ducit; et adjunctos aureus urget equos."
Protinus abscissa planxi mea pectora veste;
Tuta Nec a digitis ora fuere meis.
Ire animus mediae suadebat in agmina turbae,
Sertaque compositis demere rapta comis.
Vix me continui, quin sic laniata capillos
Clamarem: "Meus est!" injiceremque manus.
Laese pater, gaude; Colchi, gaudete, relict;
Inferias, umbrae fratris, habete mei.
Deseror, amissis regno, patriaque, domoque,
Conjuge, qui nobis omnia solus erat.
Serpentes igitur potui taurosque furentes,
Unum non potui perdomuisse virum?
Quaeque feros pepuli doctis medicatibus ignes,
Non valeo flammam effugere ipsa meas?
Ipsi me cantus herbaeque artesque relinquunt?
Nil Dea, nil Hecates sacra potentis agunt?
Non mihi grata dies; noctes vigilantur amarae,
Nec tenero miseram pectore somnus habet.*

Quae me non possum, potui sopire draconem;

Utilior cuivis quam mihi cura mea est.

Quos ego servavi, paelex amplectitur artus,

Et nostri fructus illa laboris habet.

Forsitan et, stultae dum te jactare maritae,

Quaeris et injustis auribus apta loqui,

In faciem moresque meos nova crimina fingis.

Rideat et vitiis laeta sit illa meis.

Rideat et Tyrio jaceat sublimis in ostro:

Flebit, et ardores vincet adusta meos!

Dum ferrum flammaeque aderunt sucusque veneni,

Hostis Medae nullus inultus erit.

Quodsi forte preces praecordia ferrea tangunt,

Nunc animis Audi verba minora meis.

Tam tibi sum supplex, quam tu mihi saepe fuisti,

Nec moror ante tuos procubuisse pedes.

Si tibi sum vilis, communes respice natos:

Saeviet in partus dira noverca meos.

Et nimium similes tibi sunt, et imagine tangor,

Et, quoties video, lumina nostra madent.

Per súperos oro; per avitae lumina flammae,

Per meritum et natos, pignora nostra, duos:

*Redde torum, pro quo tot res insana reliqui,
Adde fidem dictis auxiliumque refer.
Non ego te imploro contra taurosque virosque,
Utque tua serpens victa quiescat ope;
Te peto, quem merui, quem nobis ipse dedisti,
Cum quo sum pariter facta parente parens.
Dos ubi sit quaeris: campo numeravimus illo,
Qui tibi laturo vellus arandus erat.
Aureus ille Aries villo spectabilis aureo
Dos mea, "Quam", dicam si tibi, "redde", neges;
Dos mea tu sospes; dos est mea Graja juvenus:
I nunc, Sisyphias, improbe, confer opes.
Quod vivis, quod habes nuptam socerumque potentem,
Hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est.
Quos equidem actum...Sed quid praedicere poenam
Attinet? Ingentes parturit ira minas.
Quo feret ira, sequar: facti fortasse pigebit;
Et piget infido consuluisse viro.
Viderit ista deus, qui nunca mea pectora versat;
Nescio quid certe mens mea majus agit.*

ANEXO B: Carta XII – De Medeia a Jasão.²⁰

CARTA

Eu, rainha da Cólquida, lembro-me ainda, tive tempo pra ti quando solicitavas minha virtuosidade em teu benefício.

Então as irmãs que administravam os destinos dos mortais deviam desalinhar a coma do meu tempo. Nessa época eu podia morrer bem. A partir de então, a vida que tenho levado tem sido um tormento. Pobre de mim! Por que a nave construída com madeirame de Pelião foi dirigida por braços jovens à procura do carneiro do Frixo?

Já que o estranho navio chegou a nossas plagas e trouxe audazes heróis, oxalá tivesse lançado as sementes e um inimigo correspondendo a cada uma delas, para que o semeador sucumbisse com a própria colheita!

Infame, quanta perfídia teria sucumbido contigo! De quantos males eu me haveria libertado!

É como um prazer recordar ao ingrato o benefício recebido. Deixa-me tê-lo, só este terei de ti!

Obrigado a desviar para Cólquida tua nau sem rumo, chegaste ao reino feliz de meu pai e ali eu, Medeia, fui para ti o que te representa agora a nova esposa. Se ela tem pai rico, o meu também era. O dela tem Éfira banhada por dois mares; o meu tem toda a região que vai da margem esquerda do Ponto até a nivosa Cítia.

Eetes deu hospitalidade aos jovens pelasgos e vossos corpos, ó Gregos, repousaram em leitos pintados.

Então eu te vi. Comecei a saber o que eras. Esse foi o princípio da ruína de minha vida. Contemplei-te e sucumbi. Inflamei-me com estranha paixão como ardem as lascas de pinho junto aos altares dos deuses excelsos.

Tu eras belo e minha sina arrastava-me; os teus olhos eclipsaram os meus. E tu, pérfido, compreendeste.

Os touros de Marte não eram terríveis só pelos chifres; seu alento formidável era o fogo; eram de bronze suas patas fortes e cobertos de bronze eram seus narizes denegridos pelas ígneas respirações.

²⁰ Tradução de Walter Vergna em *Heroides: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Museu de armas Ferreira da Cunha: Rio de Janeiro, 1975.

Ordenam-te além disso que espalhes com mão devota sementes que, através de extensos campos gerarão povos que procuram teu corpo com armas nascidas a seu lado, messe ingrata a seu próprio sementeiro.

Teu último trabalho consiste em burlar com alguma artimanha a vigilância daquele que não pode ceder ao sono.

Isto disse Eetes. Todos vós vos levantaiis tristes e a alta mesa é afastada dos leitos purpúreos. Quão longe de ti estava o reino, dote de Creusa, e o sogro, e a filha do grande Creonte!

Tu partes triste. E enquanto te afastas, sigo-te com os olhos marejados e com leve sussurro meus lábios dizem adeus. Logo que profundamente ferida alcancei o leito, passei a noite toda em pranto. Diante de meus olhos estavam os touros, as nefandas espigas, o dragão aceso. De um lado, o amor; de outro, o temor e este inflava as proporções daquele.

Era de manhã. Entrou no quarto minha querida irmã, encontrou-me com os cabelos desgrenhados, debruçada e tudo banhado por minhas lágrimas. Implora auxílio para os Mínios: o que uma pede outra receberá. E o que ela suplica, eu dou ao filho de Esão.

Existe ali um bosque, sombrio pela cor escura e pela ramagem das azinheiras: ali quase não podem penetrar os raios do sol. Há ali – e com mais razão havia naquela época – um templo de Diana; nele se ergue uma estátua da deusa, esculpida em ouro por mão estrangeira. Lembras-te? Ou esses lugares sumiram de ti comigo?

Dirigimo-nos pra lá. Começaste a falar com teus lábios mentirosos: “Deu-te a fortuna o direito e o arbítrio de nosso êxito e em tua mão está a vida e a morte. É muito poder causar a perdição, se é que esse poder agrada a alguém; mas eu, salvo por ti, ser-te-ei maior glória. Imploro-te pelas minhas desventuras das quais tu podes ser o lenitivo, por sua estirpe, pela divindade de teu antepassado onividente, pela tríplice aparência e pelos arcanos mistérios de Diana, e pelos outros deuses que possa ter esse povo, ó donzela, tem piedade de mim, tem compaixão de meus companheiros! Pelos teus favores, faze-me teu para sempre. Se não desprezas como esposo um varão pelasgo (mas donde os deuses são favoráveis e benignos?), que meu espírito se desfaça no ar fugaz, antes que eu leve a meu tálamo outra mulher que não sejas tu. Que sejam testemunhas de meu juramento Juno, protetora das núpcias, e a deusa em cujo templo de mármore nós nos encontramos”.

Estas palavras – e que parte são elas de todas as tuas? – e a tua mão direita entrelaçada na minha comoveram a alma de uma donzela ingênua.

Vi também as lágrimas tuas – nelas está uma parte do engodo – e assim logo fui cativada por tuas palavras qual uma criança.

A seguir, junges os touros erípedes sem queimar teu corpo; sulcas a dura terra com o arado conforme determinado. Enches os sulcos com dentes envenenados em vez de sementes: nascem soldados com armas e escudos.

Eu mesma que te dera os sortilégios, desmaiei quando vi aqueles homens chegados não sei donde, armados de gládios; até que os irmãos terrígenas – ó façanha portentosa! – cruzaram as mãos para o duplo assassinio.

Eis que o dragão coberto de escamas crepitantes sibila e varre o chão com seu peito recurvado.

Onde estavam os recursos do dote? Onde a tua régia esposa? Onde o Istmo que estende as águas entre os dois mares? E eu mesma que agora em última instância sou considerada estrangeira por ti, agora que sou pobre, que te pareço nociva, fui eu quem neutralizei no sono os olhos flamejantes e te dei o velocino que levarias contigo sem mais preocupação.

Traí meu pai, deixei o reino e a pátria, abandonei minha mãe querida e minha irmã idolatrada, minha virgindade tornou-se presa de um ladrão estrangeiro, levei a prenda que pode subsistir no exílio.

Mas a ti, meu irmão, não te abandonei ao fugir. Aqui fica uma lacuna em minha carta. O que minha mão ousa fazer, não se atreve a escrevê-lo. Assim tive que ser destruída contigo.

Não tive medo – depois daquilo, que haveria eu de temer? – de entregar-me ao mar, eu que era mulher e já estigmatizada pelo crime.

Onde está a proteção divina? Onde estão os deuses? Soframos cada qual o castigo merecido; tu, pela fraude e eu, pela credulidade.

Oxalá as Simplégades nos tivessem separado, quando estávamos intimamente unidos e meus ossos ficassem presos aos teus ou a voraz nos entregasse aos cães que nos devorariam – Cila tinha que vulnerar os homens ingratos – ou essas ondas que vomitam tanto quanto absorvem, nos tivessem sepultado nas águas de Trinácia!

Voltas incólume e vitorioso para as cidades hemônias e o velocino de ouro é oferecido aos deuses pátrios. Recordaria eu as filhas de Pélias as quais prevaricam com piedade e os membros paternos destroçados por mãos virginais? Ousaste – faltam palavras para a expressão da dor – ousaste dizer-me: “Sai do palácio de Esão”.

Submissa à ordem, saí do palácio, acompanhada dos dois filhinhos e seguida do amor a ti, amor que me segue ininterruptamente.

Tão logo me chega aos ouvidos o decantado Himeneu e as tochas cintilam com a vida labareda e a flauta desenvolve melodias que são de casamento para vós, mas para mim mais

lúgubres que as de uma trompa em funeral, eu passo a temer e ainda não julgo tão monstruoso o teu crime, mas um frio letífero domina todo o meu peito.

Corre a multidão e clama sem cessar “Hímen, Himeneu!” Quanto mais próxima fica a voz, mais se avoluma o meu sofrimento.

Os escravos, dispersos, choravam e escondiam as lágrimas. Quem desejaria ser o mensageiro de tão grande desgraça?

O que quer que fosse, era preferível que eu ignorasse; mas a minha alma estava triste como se eu o soubesse.

Quando meu filho menor, mandado por mim, com curiosidade de ver o que ocorria, apareceu no umbral da porta dúplice, dali gritou: “Mãe, vem ver, meu pai Jasão encabeça o cortejo, resplendente de ouro, e tange os cavalos reunidos!”

O despeito me aconselhava a perder-me em meio à multidão e a desalinhar os cabelos. Com dificuldade me contive, para não gritar, com os cabelos desganhados como estavam, e lançando as mãos em ti: “Ele é meu!”

Alegra-te, pai ofendido. Cólquida abandonada, alegre-te. Sombras de meu irmão, vede minha desgraça como expiação.

Depois de perder o reino, a pátria, o berço, sou abandonada pelo marido que sozinho era tudo pra mim!

Eu que pude dominar os dragões e os touros furiosos, não pude dominar um homem apenas; eu que afastei as chamas vorazes com sábios encantamentos, não consigo afugentar de mim as chamas.

Até os cantos, as ervas, as artes me abandonam; de nada valem a poderosa deusa Hécate e seus mistérios.

Já não me agrada a luz do dia; passo em vigília noites amargas e o sono tranqüilo nega-se a vir ao peito desta desgraçada; eu que fiz dormir o dragão, não posso adormecer a mim mesma; minha habilidade é mais útil a outros do que a mim.

Uma concubina estreita nos braços o corpo que eu salvei e ela é que aproveita os frutos de meu trabalho. E tu, enquanto procuras enaltecer-te perante a estulta mulher e dizer-lhe aos perversos ouvidos palavras consentâneas, talvez tu represente novos defeitos para minha formosura e meus hábitos.

Quer ela se ria e rejubile com minhas deficiências e permaneça sobranceira na púrpura de Tiro! Um dia chorará consumida por um fogo mais abrasador que este que me atinge.

Enquanto houver ferro, fogo e plantas venenosas, nenhum inimigo de Medeia se furtará à sua vingança.

Se as preces comovem entranhas de aço, escuta as minhas palavras, agora humildes em confronto com a antiga altivez. Dirijo-me súplice a ti como o fizeste a mim muitas vezes e não vacilo em ajoelhar-me a teus pés.

Se sou vil para ti, olha estas crianças, filhos de mim e de ti; uma cruel madrasta avançará contra os frutos de minhas entranhas. São tão parecidos contigo! Comovo-me com tal semelhança e sempre que os contemplo, enchem-se-me os olhos de lágrimas.

Suplico-te pelos deuses superiores, pelo esplendor da luz do meu antepassado, por meus favores, por estas crianças, prendas de nosso amor, devolve-me o leito pelo qual eu, louca de amor, renunciei a tantos bens. Cumpre tuas promessas e não me negues auxílio.

Não te peço auxílio contra touros e guerreiros, nem que eu descanse qual serpente vencida por tua habilidade.

Peço-te a ti mesmo que mereci e que me entregaste, a ti que vieste a ser pai, quando eu ia ser mãe.

Perguntas onde está o dote? Nós dois relacionamos meu dote no campo que irias arar quando roubaste o velocino. Aquele difícil carneiro reluzente de lã dourada é meu dote. Se eu dissesse “Devolve-mo”, tu não me atenderias. Meu dote és tu são e salvo, é minha juventude helênica. Vai agora, ó desonesto, compara as riquezas de Sísifo com as minhas. Se vives, se tens essa esposa e esse sogro poderoso, se podes até ser tão ingrato, tudo isto debes a mim.

Eu hei de... Mas para que antecipar a pena? A ira provoca enormes ameaças. Irei para onde me arrastar a ira. O que vou fazer possivelmente me pesará, mas também pesa ter tratado de ti, esposo infiel!

Testemunhe isto o deus que agora revolve os tormentos no meu peito.

Sem dúvida algo mais terrível agita o meu espírito.

